

CONTOS POPULARES, LITERATURA EMPÍRICA E DISCURSO NA EDUCAÇÃO DE UM MUNICÍPIO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Maria Suely Oliveira GOLDSTEIN
Universidade Estadual Paulista - Campus de Araraquara
E-mail: sgoldstein@bol.com.br

Resumo: Esta pesquisa lida com a preservação de memória/história pela vinculação entre o ensino de língua, de cultura e de literatura, de uma perspectiva discursiva.

Pautados nas reflexões de grandes expoentes acadêmicos sobre os conceitos de memória e história, em um primeiro plano estamos coletando e catalogando contos populares narrados no seio de uma comunidade paulista, com vistas à preservação da sua memória coletiva, a partir da metodologia indicada pela Ciência da Literatura Empírica.

Paralelamente às referidas coleta e catalogação dos contos populares, exercícios de preservação daquela memória-história serão feitos, com o trabalho de apresentação e de problematização de alguns dos contos narrados a turmas do nível médio do ensino municipal daquela cidade, de acordo com os princípios da análise de discursos de cunho materialista, buscando incentivar a discussão de questões identitárias e socioculturais entre os alunos-sujeitos.

A nossa hipótese é de que contos populares coletados no seio da própria comunidade podem ser de grande fomento para uma educação lingüística crítica e problematizadora, discursiva e transversal, que leve em conta aspectos socioculturais e identitários do universo dos sujeitos ali envolvidos, contribuindo para o resgate, a fomentação e a transmissão da sua memória ancestral.

Palavras-chave: Literatura popular; discurso; cultura; memória/história.

I - Introdução

Pierre Nora (1993), ao abordar o fim da história-memória, em seu artigo “Entre memória e história: a problemática dos lugares”, afirma que o vivido no calor da tradição, do costume, a repetição do ancestral, que se dava sob o impacto de um acontecimento histórico profundo, deixa de existir a partir do momento em que, em suas palavras, situações como a mundialização ou a massificação passaram a acontecer. Para ele, o fim das sociedades-memória e das ideologias-memória — que asseguravam a conservação e a transmissão dos valores e a passagem regular do passado para o futuro, ou indicavam o que se deveria reter do passado para preparar o futuro — se deu por conta do modo de percepção histórica dos sujeitos que, com a ajuda da mídia, “ter-se-ia dilatado prodigiosamente, substituindo uma memória voltada para a herança de sua própria intimidade”, pelo que ele chama de “película efêmera da atualidade”. Entendemos, entretanto, que recursos existem que podem ajudar a garantir a preservação daquela referida memória coletiva, ladeada pelo seu respectivo registro histórico. Isso porque acreditamos haver interstícios — que formam um *continuum* numa escala em que julgamos estarem ambas as assertivas de Nora em seus extremos — quando lidamos com situações pontuais, como a de comunidades pequenas e interioranas, as brasileiras no caso em epígrafe¹. Em nossa investigação, postulamos que os contos populares narrados no âmago das comunidades interioranas ajudam a cumprir esse

¹ Os conceitos de memória e de história, para Nora e para outros autores como Pêcheux (1993), Foucault (2004) e Bhabha (2003) estão sendo problematizados no corpo da investigação.

papel de resgate do que Nora chama de “herança da intimidade” dessas comunidades e que essa atenção ao problema, para a preservação da memória-história, é urgente e imprescindível, antes que também essas comunidades mergulhem naquela chamada “película efêmera da atualidade”, no que poderia se constituir, aí sim, em uma via de mão única.

Encontramos respaldo para essas afirmativas em Foucault ([1969] 2004), quando ele diz que precisamos da história — e frisamos que de memórias também —, para chegar a significados que não mais compreendemos enquanto sociedade. Afirmamos com isso que os contos populares, narrados nos seios das comunidades, com toda a sua projeção cultural, podem carregar em si a possibilidade de desencadear essa função agregadora, especialmente quando utilizados em um ensino de língua discursivo, crítico e problematizador.

Nesse diapasão, postulamos, como já o fizemos em Goldstein (2009), que estudos que evidenciam questões culturais e enunciativas devem ocupar um lugar constitutivo no ensino-aprendizagem de língua. Uma das vias que propomos, para que esse objetivo seja alcançado, é que se leve pontualmente em consideração o que se denomina de memória discursiva², dada, por exemplo, pela junção entre a literatura e o ensino de língua. Dentro dessa linha de raciocínio, Antonio Candido ([1970] 1995) diz que a literatura é uma manifestação universal de todos os homens em todos os tempos e que ela corresponde a uma necessidade que precisa ser satisfeita, constituindo-se em um direito, por organizar as emoções e as visões de mundo dos sujeitos.

O conceito de conto popular que utilizamos em nossa pesquisa é o de Propp ([1928] 2006)³, que apregoa que “do ponto de vista morfológico, podemos chamar de conto de magia a todo desenvolvimento narrativo que, partindo de um dano (A) ou de uma carência (a) e passando por funções intermediárias, termina com o casamento (W⁰) ou outras funções utilizadas como desenlace. A função final pode ser a recompensa (F), a obtenção do objeto procurado ou, de modo geral, a reparação do dano (K), o salvamento da perseguição (Rs), etc”⁴.

Mas, com que vertente da literatura estamos lidando, especificamente? Com a chamada Ciência da Literatura Empírica (CLE), uma vertente pragmática e sistêmica, construída metodicamente, em que a observação criteriosa e a análise de dados reais desempenham um importante papel na formulação de conclusões sobre as questões levantadas. Essa literatura de cunho empirista, a CLE, segundo Zyngier *et alii* (2008), é entendida não como reflexo, consequência do social, mas como resultado de uma somatória de condições que instituem o literário. Como proposta sociológica que é, ela amplia os espaços ocupados pelos modelos hermenêuticos tradicionais, para além da interpretação do texto particular. Nela, a literatura não é pensada enquanto conjunto de textos que se caracterizam por uma natureza distinta, mas enquanto confluência de condições ou circunstâncias, nas quais certos textos passam a ter um valor social, justificados por certos atributos, pondera a autora.

Nessa mesma direção, Olinto (1989), precursora dos estudos empíricos da literatura no Brasil, ao justificar a posição pragmático-funcional da CLE, pondera que a realidade como entendimento humano subentende, em última análise, que os indivíduos vivem uma versão da realidade como fruto da construção de modelos que refletem a constante

² Termo cunhado por Pêcheux (1993) e que está sendo problematizado no interior da investigação.

³ No corpo do trabalho fazemos um estudo detalhado sobre o conto popular.

⁴ A este desenvolvimento, o autor dá o nome de *seqüência*, sendo que a cada novo dano ou prejuízo, a cada nova carência, origina-se uma nova seqüência. Segundo ele, um conto pode compreender várias seqüências e quando se analisa um texto deve-se determinar, em primeiro lugar, de quantas seqüências esse texto se compõe. Uma seqüência pode vir, assim, imediatamente após a outra, mas também podem aparecer entrelaçadas, como se se detivessem para permitir que outra seqüência se intercale. Isolar uma seqüência nem sempre é fácil, mas sempre é possível fazê-lo com absoluta precisão, pondera o pesquisador.

interação entre seu ambiente, os outros sujeitos e a sua própria identidade. No decorrer da sua história de socialização, são internalizados, assim, sob a forma de tradições, convenções e institucionalizações, modelos construídos acerca do mundo, experimentados e aceitos pelas respectivas comunidades socioculturais. Para a pesquisadora, quando a idéia de uma realidade absoluta é substituída por uma concepção de realidade como campo de descrições, noções como verdade absoluta e conhecimento objetivo deixam de legitimar a atividade científica.

Com essa mesma linha de preocupações, de desconstruir aspectos do lugar político-ideológico ao qual a literatura foi alçada ao longo do tempo, Eagleton (2003) diz ser uma ilusão a de que a categoria “literatura” é “objetiva”, no sentido de ser eterna e imutável — porque uma obra pode ser considerada filosófica num século e como literatura em outro, ou vice-versa, por exemplo, ou porque o tipo de escrita considerado digno de valor também pode variar. Dessa forma, o chamado “cânone literário” — a “grande tradição” inquestionada da “literatura nacional” — tem de ser reconhecido como um construto modelado por determinadas pessoas, por motivos particulares e em um determinado momento.

Schmidt (1980), fundador da Ciência Empírica da Literatura, à qual nos filiamos, por sua vez, ao procurar definir o literário, sob uma ótica empírica, se embasou na noção de convenções literárias, que se tornaram, por fim, parte da essência dos estudos empíricos da literatura. Ele definiu o que chamou de convenção estética da literatura e de convenção da polivalência literária, de uma perspectiva pragmática, estabelecendo a literariedade do texto como um fator ao nível da ação. Dessa forma, o principal aspecto da convenção da polivalência literária, por exemplo, é que os leitores atribuem diferentes significados para o mesmo texto literário em diferentes situações de leitura⁵.

Por outra via, Barsch (2002), ao interpretar as convenções literárias propostas por Schmidt, também nos fornece a essência dessa posição pragmática, assumida pela CLE, qual seja, a de que ela é uma ciência social, orientada empiricamente, que investiga as ações, as atitudes dos indivíduos em relação aos textos literários e em relação ao seu ambiente. “A valoração das coisas é um critério usado pelos sujeitos/atores sociais e acontece a partir das relações”, diz ele, Assim, todo valor é sempre valor em relação a atos e a atitudes humanas, trazendo informações ao contexto ao qual o sujeito se filia.

Nas palavras de Olinto (2007), textos são literários apenas na perspectiva de constelações acionais concretas, em sistemas históricos definidos por determinados processos de socialização, necessidades cognitivas e afetivas, intenções e motivações gerais e, ainda, por condicionamentos políticos, sociais, econômicos e culturais e suas interdependências.

A nossa proposta nesta investigação é, dessa forma, que contos reiteradamente narrados entre os sujeitos da população local, naquele município interiorano do Estado de São Paulo, por nós coletados a partir dos preceitos dessa referida CLE, sejam abordados e problematizados em salas de aula de ensino médio daquele município, segundo as indicações também da análise de discurso de cunho materialista, que abordamos no desenvolvimento da pesquisa. O que se pretende com isso é, por um lado, que parte da memória-história da comunidade seja preservada, em sua perspectiva literária, registrando e incentivando sua transmissão — nos moldes aventados por Nora, de preservação da herança de sua intimidade comunitária — e, por outro, mas com o mesmo objetivo, que haja fomento do debate oral, desencadeado pela leitura e problematização daqueles contos, investigando a construção de sentidos instaurados pelas práticas letradas orais, que aconteçam em aulas de língua materna, no Ensino Médio. Ambas as intervenções visam ao resgate de parte da memória-história daquela comunidade e à disponibilização de recursos para um ensino crítico e problematizador, como uma possível estratégia para aquele resgate e para uma aprimorada educação discursiva.

⁵ Essas convenções estão sendo amplamente problematizadas no corpo da investigação.

Naqueles ambientes, questões sobre as relações socioculturais dos sujeitos, que apareçam nas aulas e nos contos pesquisados serão examinadas, observando-se aspectos discursivos⁶ que se mostrarem ali relevantes, bem como a mobilização de questões de identidade que ali aconteçam. Em tais contextos, chamamos atenção para o fato de que o professor deve estar atento a conflitos e a características identitárias e sociais que se apresentem nas práticas da língua em sala de aula, que são determinados pela própria língua, que materializa a cultura dos sujeitos. Esse professor, observador da discursividade, deve estar alerta para as diferenças enunciativas, no que tange, por exemplo, às inter-relações que ali acontecem, problematizando-as.

A nossa hipótese é de que contos populares coletados no seio da própria comunidade podem ser de grande fomento para uma educação lingüística crítica e problematizadora, discursiva e transversal, que leve em conta aspectos socioculturais e identitários do universo dos sujeitos ali envolvidos, contribuindo para o resgate, a fomentação e a transmissão da sua memória ancestral.

Nessa perspectiva, os objetivos da investigação que por nós está sendo efetuada são colocados aqui em evidência.

1. Realizar o levantamento de contos narrados entre os sujeitos da população de um município paulista, de acordo com princípios da literatura empírica;
2. Fomentar e investigar o debate oral, desencadeado pela leitura e pela problematização de alguns daqueles contos coletados, em salas de aula de ensino médio da educação daquele município do Estado de São Paulo, como procedimento de construção de sentidos, para uma educação lingüística crítica, atenta a problematizações socioculturais e identitárias;
3. Registrar as práticas letradas orais desencadeadas pelas discussões realizadas em sala de aula, naquelas turmas do ensino médio da referida rede municipal de ensino, baseadas nos contos populares coletados, com foco na mobilização da identidade dos sujeitos e especialmente em relação a questões ambientais.

II - Justificativa

A coleta e a catalogação que vem sendo por nós realizadas, de contos populares narrados no âmago daquela pequena comunidade interiorana têm o objetivo primordial de registrar e de fomentar a transmissão da memória e, conseqüentemente, da história dentro daquela comunidade, pela intervenção, de uma perspectiva discursiva, em salas de aula de língua do ensino médio municipal. Nas palavras de Foucault ([1969]2004), “a história contínua é o correlato indispensável à função fundadora do sujeito: a garantia de que tudo que lhe escapou poderá ser devolvido; a certeza de que o tempo nada dispensará sem reconstruí-lo em uma unidade recomposta; a promessa de que o sujeito poderá, um dia, sob a forma da consciência histórica, se apropriar, novamente, de todas essas coisas mantidas à distância pela diferença, restaurar o seu domínio sobre elas e encontrar o que se pode chamar sua morada”. Pierre Nora (1993), por seu turno, também nos lembra que “a memória é vida,

⁶ Aspectos da análise de discursos de cunho materialista estão sendo por nós abordados no corpo do trabalho.

sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações”.

Por outra via, assumimos as premissas de que os estudos de língua devem, invariavelmente, estar articulados com os estudos de cultura e de que há necessidade de se atentar em sala de aula para a dimensão enunciativa da linguagem, dedicando-se atenção a um espaço discursivo de memória (Goldstein, 2009). Entendemos, ainda, que língua e literatura não podem ser vistas de forma dicotômica. Nesse sentido, Jitrik (2000) afirma que os estudos culturais consideram a literatura como uma fonte de dados, facilitando o acesso a problemáticas de cultura, de onde podem ser extraídos materiais para o exame de aspectos da vida social.

Assim sendo, paralelamente ao processo de coleta e de catalogação dos contos narrados no seio daquela comunidade, segundo os preceitos da Ciência da Literatura Empírica, serão feitas intervenções em salas de aula do nível médio da rede municipal de ensino, com o registro e problematização das práticas letradas orais desencadeadas pelas discussões ali realizadas, em torno de alguns daqueles contos coletados, visando à mobilização da subjetividade dos sujeitos, pelas abordagens socioculturais, identitárias e ambientais que ali acontecerão, advindas de procedimentos de construção de sentidos ligados aos estudos de análise do discurso de cunho materialista que nesta pesquisa são seguidos. Ambos os procedimentos buscam a preservação da memória-história coletiva daquela comunidade e a instauração de um ensino de língua discursivo, crítico e problematizador, pautado em questões literárias, culturais e enunciativas.

Defendemos a idéia de que a valorização da literatura, e, em especial, do que se costuma denominar de literatura popular, em sala de aula de língua, é legítima e imprescindível, quando vista enquanto espaço discursivo de memória, em seu registro pontual de parte da história e da memória dos povos, e da sua cultura, de forma mais ampla. Essa defesa que empreendemos, se respalda no postulado de que os estudos de língua devem invariavelmente estar articulados com os estudos de cultura/literatura e com a dimensão enunciativa da linguagem. Nessa perspectiva, é imprescindível que o professor conheça características das formações ideológico-discursivas e da história/memória, envolvidas nos materiais selecionados para o trabalho em sala de aula.

III - Metodologia

“A pesquisa empírica não é a única forma a partir da qual nós nos podemos informar e explorar o mundo, mas é uma das mais poderosas, talvez mesmo o melhor dos métodos que temos como humanos para aprender a nos conhecer e ao mundo em que vivemos”, diz Van Peer (2002), completando que a investigação empírica torna os dados mais claros, na medida em que apresenta a sua complexidade à leitura e à investigação do pesquisador, mostrando facetas da situação que não eram facilmente observáveis, por trazê-las à tona para leitura e interpretação.

Mas em que se constitui essa pesquisa empírica, dentro dos estudos empíricos da literatura? Olinto (2008) esclarece que, no enfoque empírico, a observação criteriosa e a análise de dados reais são centrais e que elas desempenham um importante papel na formulação de conclusões sobre questões levantadas. A Ciência Empírica da Literatura é, assim, construída metodicamente, numa perspectiva pragmática e sistêmica.

O programa de empirização da Ciência da Literatura Empírica, entretanto, não se vincula a concepções positivistas, é o que afirma Schmidt (1989), mostrando que ele

lida, em verdade, com o desenvolvimento de uma concepção empírica, que defende um conceito não positivista de empiria, cuja questão básica é a descrição e a explicação do sistema social da literatura, em lugar da interpretação estrita de textos concretos, como acontece na perspectiva hermenêutica. O autor nos lembra que a categoria “empírico” traduz, nesse caso, a possibilidade de uma explicação intersubjetiva, em determinado grupo de pesquisadores, de acordo com teorias e regras metodológicas consensuais. As exigências de que se expliquem as teorias usadas (teoricidade), de relevância individual e político-social (aplicabilidade) e de se poder verificar o conteúdo empírico (empiricidade) são, dessa forma, as categorias de base dos Estudos Empíricos da Literatura, aos quais nos filiamos nesta investigação. Nesse sentido, a pesquisa empírica não se confunde com coleta de dados isenta de teoria ou com esferas independentes de interesse cognitivo. Nela, há exigência de explicitação, de consciência de responsabilidade social e de relevância dos resultados, frisa Olinto (1989). A autora afirma, ainda, que há, na Ciência da Literatura Empírica, o comprometimento simultâneo com a razão teórica e a razão prática, “na tentativa de resgatar empiricamente as promessas da teoria e alterar a teoria em função dos resultados da análise prática” (p. 31).

Viehoff (1989), por outra via, esclarece que alguns dos métodos de pesquisa empírica que mais se adequam à compreensão sistemática de objetos de investigação “atuais” e “vivos”, e os tornam descritíveis, são a observação, o questionário, a entrevista, o experimento ou a sociometria, por exemplo, além da análise de conteúdo ou da análise secundária, dentre outros. Da totalidade dos recursos por ele apresentados, selecionamos alguns dos que entendemos ser mais relevantes para a nossa investigação. Fizemos, também, algumas adequações terminológicas que tornam a proposta compatível com a nossa linha primordial de investigação, que é a discursiva⁷. Por *observação*, entende-se a sistematização da percepção comum, em relação à questão da investigação. O *questionário* e a *entrevista* são estratégias para o levantamento de dados em que o pesquisador estrutura sistematicamente a situação de pesquisa, através do que Viehoff (*op. cit.*) chama de “ações comunicativas observáveis e descritíveis”, o que facilita a reconstrução de eventos passados ou condutas passíveis de se esperar para o futuro. O *experimento*, por outra via, diz o pesquisador, é a forma mais rigorosa e exata de coleta científica de dados. Com ele, a hipótese só é considerada demonstrada se o resultado do experimento não ocorrer apenas uma vez e a estrutura permitir também a repetição do julgamento inequívoco das variáveis dependentes e independentes. A sociometria, por seu turno, visa a investigações quantitativas, servindo para obter conhecimentos prévios, paralelos, ou conhecimentos que sirvam, posteriormente, para aprofundar e assegurar outros resultados empíricos de pesquisa. Wiseman (2002) nos chama a atenção, entretanto, para o fato de que a mensuração sociométrica inclui também observação qualitativa. Segundo esse estudioso, mensuração, no sentido cotidiano, se aplica a quantidades tais como peso ou tempo, ou a objetos aos quais podemos atribuir números precisos e aos quais se aplicam regras de aritmética. Na ciência empírica, entretanto, essa palavra é usada num sentido mais amplo, assevera ele, “o que inclui — e isso é muito importante — observação qualitativa” (p. 13). As mensurações qualitativas são, assim, parte da pesquisa empírica tanto quanto as quantitativas.

No corpo do trabalho, visitaremos em minúcias cada um desses passos, imprescindíveis à pesquisa empírica aqui proposta, mas adiantamos que o esquema da pesquisa científica empírica segue recomendações da proposição Hempel-Oppenheim (H-O), que lida com condições de antecedência ou regularidade (*explans*), com o evento empírico (*explanandum*), com a esfera da realidade observada (empiria) e com a formulação numérica de enunciados observacionais (dados), lançando mão de testes estatísticos e de comparações.

⁷ Tais adequações estão sendo abordadas em detalhes no corpo da investigação.

Na pesquisa que estamos realizando acerca dos contos populares vinculados a questões discursivas, na educação municipal de nível médio de um município do Estado de São Paulo, usamos as recomendações da pesquisa empírica aqui registradas e que são adotadas pela Ciência da Literatura Empírica.

A opção pelo método advindo da Ciência da Literatura Empírica, em parceria com a Análise do Discurso, se deu em função de essa ter-se mostrado uma estratégia viável e sensível ao contexto e à cultura, na condução da investigação realizada, a partir do discurso em sala de aula, embora existam aparentes incompatibilidades nessa junção, no que respeita principalmente a nomenclaturas, o que estamos buscando diluir.

Referências bibliográficas

- BARSCH, A.** (2002). “The Hole of Literary Conventions in ESL”. In: *Fatos & Ficções: Estudos Empíricos da Literatura*. Editora da UFRJ, Rio de Janeiro.
- BHABHA, H. K.** (2003). *O local da cultura*. Editora UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais.
- BRANDÃO, A.** (1995) *A presença dos irmãos Grimm na literatura infantil e no folclore brasileiro*. Editora Ibrasa, São Paulo.
- CANDIDO, A.** ([1970]1995). *Vários escritos*. Editora Duas Cidades, São Paulo, 3ª edição revista e ampliada..
- CASCUDO, L. C.** (1984). *Literatura oral no Brasil* (Coleção Reconquista do Brasil, 84), Editora Itatiaia, São Paulo, 3ª edição.
- _____ (2000). *Dicionário do folclore brasileiro*. Editora Global, São Paulo, 9ª Edição revisada e ampliada.
- EAGLETON, T.** (2003). *Teoria da literatura: uma introdução*. Editora Martins Fontes, São Paulo.
- FOUCAULT, M.** ([1969]2004). *L'Archéologie du Savoir*, Gillimard, Paris, tradução brasileira *A arqueologia do saber*, Editora Forense Universitária, Rio de Janeiro.
- GOLDSTEIN, M. S. O.** (2009). *Contos populares compilados e discurso no currículo da educação bilíngüe alemão-português, no Brasil*. Tese de doutorado defendida no Departamento de Lingüística Aplicada, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp.
- JITRIK, N.** (2000) “Estudios culturales/estudios literarios”, in PEREIRA, M. e REIS, E. *Literatura e Estudos Culturais*. Belo Horizonte: Fale- UFMG, p. 29-41.
- JOLLES, A.** (1976). O conto. In: *Formas simples*. Tradução Álvaro Cabral, Editora Cultrix, São Paulo, pp 181-204 .

- LÜTHI, M.** (1968). *Es war einmal; Vom Wesen des Volksmärchen*. 3. Aufl. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- MATOS, C. N. de** (1992). Literatura popular. JOBIM, José Luis, (Org.). *Palavras da crítica: Tendências e conceitos no estudo da literatura*. Editora Imago, Rio de Janeiro, p. 307-341.
- OLINTO, H. K.** (2008). *Ver & Visualizar: Letras sob o prisma empírico*. Editora Publit, Rio de Janeiro.
- _____ (2007). “Afetos/efeitos na comunicação (literária)”. In: *Textos e Leituras: Estudos empíricos de língua e literatura*. Editora Publit, Rio de Janeiro.
- _____ (1989). “A teoria na prática é outra?”. In: *Ciência da Literatura Empírica: uma alternativa*. Editora Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro.
- NORA, P.** (1993). „Entre memória e história: a problemática dos lugares”. *Revista Projeto História* (História e Cultura), EDUC, Editora da PUC São Paulo.
- PÊCHEUX, M.** (1983). « Rôle de la Mémoire ». In : *Linguistique et Histoire*, CNRS, Paris. Tradução brasileira : Papel da Memória, José Horta Nunes, Ed. Pontes, Campinas.
- PROPP, V.** (2006). *Morfologia do conto maravilhoso*. Organização e prefácio de Boris Schnaiderman, Tradução do russo de Jasna Paravich Sarhan. Editora Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2ª edição.
- SCHMIDT, S. J.** (1989). „A ciência da Literatura Empírica: um novo paradigma“. In: *Ciência da Literatura Empírica: uma alternativa*. Editora Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro.
- _____ (1980). *Grundriss der Empirischen Literaturwissenschaft*. Braunschweig, Wiesbaden: Vieweg.
- SIMONSEN, M.** (1987). *O conto popular*. Tradução de Luis Cláudio de Castro e Costa, Editora Martins Fontes, São Paulo.
- VAN PEER, W.** (2002). “Why we Need Empirical Studies in Literature?”. In: *Fatos & Ficções: Estudos Empíricos da Literatura*. Editora da UFRJ, Rio de Janeiro.
- VIEHOFF, R.** (1989). “Pesquisa empírica na Ciência da Literatura”. In: *Ciência da Literatura Empírica: uma alternativa*. Editora Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro.
- WISEMAN, M.** (2002). “The Empirical Study of Literature in the 21st Century”. In: *Fatos & Ficções: Estudos Empíricos da Literatura*. Editora da UFRJ, Rio de Janeiro.
- ZYNGIER, S., V. Viana & N. Silveira** (2008). *Ver & Visualizar: Letras sob o prisma Empírico*. Editora Publit, Rio de Janeiro.